miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 3, número 2, maio-ago 2014

CARLOS FRADIQUE MENDES: PRESENÇA NA CONTEMPORANEIDADE

●

CARLOS FRADIQUE MENDES: PRESENCE IN THE CONTEMPORARY

Inês Cardin BRESSAN
FACULDADE CRISTO REI DE CORNÉLIO PROCÓPIO, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 05/05/2014 ● APROVADO EM 30/09/2014

Abstract

The Correspondence of Fradique Mendes (1900) presents a significant thematic variety, and thus raises a multitude of issues. Thus, this article aims to provide a comparative analysis between the intertextual works The Correspondence of Fradique, by Eça de Queiroz (1900) and The Autobiography of Carlos Fradique Mendes (2002), by José Pedro Fernandes. A preliminary survey shows that there is little critical heritage of third period of Eça, specifically the aforementioned work. One must also consider that the work of José Pedro Fernandes has comparative intertextuality as the main focus, and the search for these intertexts justify and motivate research in this direction. Of bibliographical character, and based on Bakhtin,

Genette and Jenny, this study opens space for some debate, enrich the course of study of current researchers, serving them as motivation for new ways, and also collaborate with the knowledge of the universe the character Fradique Mendes whose complexity of creation still awakens in contemporary willingness to rebuild their authors.

Resumo

A Correspondência de Fradique Mendes (1900) apresenta uma variedade temática expressiva e, deste modo, desperta uma multiplicidade de temas. Assim, este artigo busca apresentar uma análise intertextual comparativa entre as obras *A Correspondência de Fradique, de Eça de Queiroz (1900) e a Autobiografia de Carlos Fradique Mendes (2002), de José Pedro Fernandes.* Um levantamento preliminar demonstra que há pouca fortuna crítica referente à terceira fase de Eça, mais especificamente à obra supracitada. Há que se considerar também que a obra de José Pedro Fernandes tem a intertextualidade comparativa como foco principal, e a busca destes intertextos justificam e motivam uma pesquisa neste sentido. De caráter bibliográfico, e fundamentado em Bakhtin, Jenny e Genette, este estudo abrirá espaço para alguns debates, enriquecerá o percurso dos atuais pesquisadores, servindo-lhes de motivação para novos caminhos, e também colaborará para o conhecimento do universo da personagem Fradique Mendes, cuja complexidade de criação ainda desperta nos autores contemporâneos a disposição para sua recriação.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Eça de Queiroz. Fradique Mendes. Intertextuality. José Pedro Fernandes.
PALAVRAS-CHAVE: Eça de Queiroz. Fradique Mendes. Intertextualidade. José Pedro Fernandes.

Texto integral

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento novo procede de um conhecimento anterior. A partir deste substrato e tendo como texto primeiro *A Correspondência de Fradique Mendes*, este artigo tem como objetivo principal apresentar uma análise intertextual comparativa entre a obra supracita*da* de Eça de Queiroz (1900) e a *Autobiografia de Carlos Fradique Mendes* (2002), de José Pedro Fernandes, e também mostrar como a presença de hipertextos n' *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900) efetiva e sedimenta a atualidade de um autor que viveu há tanto tempo.

Quando Eça de Queiroz criou Carlos Fradique Mendes certamente não imaginou, que, quase cem anos após a sua morte, ele, que adquiriu vida própria, permearia as páginas de livros, e seria retomado por alguns autores na intenção de revisitá-lo e também de ressaltar a sua permanência no universo literário. Desta

forma, justifica um trabalho neste sentido. A escolha pelo tema também leva em consideração a ausência de estudos mais verticalizados nesta fase de Eça de Queiroz, ainda carente de estudos críticos.

2 AUTOBIOGRAFIA DE CARLOS FRADIQUE MENDES: INTERTEXTOS

As obras literárias carregam em si uma memória da literatura, e a intertextualidade é uma forma de manter viva a memória literária. *Autobiografia de Carlos Fradique Mendes* (2002) é uma produção de José Pedro Fernandes e traz um aspecto curioso: a imortalidade de Carlos Fradique Mendes, personagem criada por Eça de Queiroz em 1869. Datada de 2002, a primeira edição mostra logo nas primeiras páginas uma explicação sobre a sua produção, na qual sob o véu da metaficção o autor explicita que o seu nome na capa do livro consta apenas para protocolo, pois a autoria é do próprio Fradique Mendes que realizou a escritura do texto, e José Pedro Fernandes apenas o publicou. Destarte, ele se exime do processo de produção e delega ao Fradique o direito de autoria da obra.

O texto consiste em um narrador póstumo em primeira pessoa, nominado Carlos Fradique Mendes, que inicia explanando sobre a real data de seu falecimento. E o faz cotejando as informações com *A Correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz, de 1900. Por se tratar de uma personagem que, até então, havia morrido, o autor justifica a sua perenidade e "ressureição" a partir de um elixir que lhe fora ministrado pelo seu mordomo tornando-lhe imortal.

A intertextualidade se faz latente desde o título da obra, que é um clamor à imortalidade da personagem criado por Eça há tanto tempo, e a todo instante é retomada a obra de suas correspondências por intertextos que ora justificam outra contestam o texto primeiro. A considerar que o escritor, no ato da escritura do texto, parte daquilo que já está feito, na *Autobiografia de Carlos Fradique Mendes* (2002) enuncia-se de certo modo, o estilo de Eça de Queiroz, valendo-se de intertextos que, por muitas vezes, coadunam com trechos atuais e se complementam trazendo à luz uma narrativa póstuma de uma personagem fictícia.

Na década de 1960, na esteira das ideias bakhtinianas, Julia Kristeva apresenta o termo intertextualidade. Para ela, o livro se resume em um cenário no qual escritor, destinatário e personagem dialogam e demonstram seus ideais através das palavras. No caso específico da *Autobiografia*, os destinatários são diferentes daqueles para os quais foi escrita *A Correspondência*, visto que os leitores anteriores leram Fradique Mendes sem o conhecimento atual.

Ao afirmar que o texto se constrói como um mosaico de citações, Kristeva (1974) alude às imbricações existentes na construção textual e também à absorção de outro texto para a sua sobrevivência, ou seja, *Autobiografia de Carlos Fradique Mendes* não existiria se não houvesse tido a obra queirosiana. O que Kristeva (1974) chamou de intertextualidade, Genette[1] (2006, p. 8), em suas reflexões de 1980, chamou de "uma relação de co-presença entre dois ou vários textos, isto é,

essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto no outro". Entre os cinco tipos de relações transtextuais estabelecidos por Genette, destacamos aqui a alusão, que para ser compreendida necessita de uma maturidade maior por parte do leitor, pois supõe a percepção dos elementos do texto de origem inseridos no texto posterior, chamado por ele de hipertexto.

No curso narrativo da *Autobiografia*, o mosaico de citações é explícito, visto a presença de intertextos referentes não só à própria Correspondência, mas também a outros autores e obras, a citar *O livro de J.*, de Harold Blomm, *Os Lusíadas*, de Camões, a Bíblia entre outros. Porém, neste trabalho, voltamo-nos apenas aos intertextos de Eça de Queiroz presentes n'*A Correspondência de Fradique Mendes* (1900). Vale, pois, o pensamento de Bakhtin e de Kristeva de que a escritura de um texto se efetiva como leitura do que foi escrito anteriormente. O texto é réplica daquilo que foi publicado antes.

Nota-se aqui a grande significância d'*A Correspondência de Fradique Mendes* (1900) e da própria criação da personagem, que depois de tanto tempo, quer seja por contestação, justificação ou para se corrigir as inexatidões do que fora exposto anteriormente, suscita autores contemporâneos a (re)produzirem com olhar no presente o que já foi feito no passado. Ademais, como requer Jenny (1979), somente o diálogo com outras obras é que irá colaborar para se apreender o verdadeiro sentido e a estrutura de uma produção literária.

Salta aos olhos a retomada que José Pedro Fernandes faz da personagem Fradique Mendes e a maestria com a qual ele justifica a sua permanência viva na sociedade atual, pois Fradique se valeu de certo elixir da ressureição e veio à tona para desmitificar a própria personagem e libertá-la da glória que lhe foi atribuída. Embora a justificativa apresentada seja ficcionalmente fisiológica, ressalta-se aqui a imortalidade desta personagem expressa nestas páginas, que a todo instante se refere ao conjunto de elementos que constituíram *A Correspondência de Fradique. Segundo Fradique,* não é possível alguém se imortalizar com meia dúzia de cartas, com a beleza e a originalidade formal e com a organização e qualidade de seu tecido vocabular. Deste modo, com este livro pretende-se, enfim, desvanecer a figura imortal de Fradique Mendes. Não teria, pois, ele atingido o efeito reverso?

No decorrer da narrativa, deparamo-nos com a retomada de elementos presentes no texto primeiro de Eça de Queiroz e, a todo instante eles se misturam, se imbricam e conduzem o leitor a revisitar o estilo queirosiano, ainda que sejam corroborados pelas notas de rodapé. Para Jenny (1979), as obras literárias não são apenas memórias, mas sim, resultado de um processo de transformação e de assimilação dos protótipos literários. Na *Autobiografia,* ocorre o que Jenny (1979, p. 39) chama de amplificação, figura da intertextualidade que busca a "transformação do texto original por desenvolvimento das suas virtualidades semânticas".

O intertexto abaixo faz referência à maneira com a qual Eça de Queiroz construiu a sua personagem mais famosa. No entanto, quando visto pela ótica de outro autor, José Pedro Fernandes atribui a Fradique o discurso que demonstra reconhecimento à capacidade de Eça de Queiroz de poder criá-lo, porém, ele acredita ser curioso que seu criador não tenha posto à luz o seu lado negativo:

> É curioso que o José Maria, com a sua perspicácia crítica, nunca tenha posto suficientemente em relevo este meu lado negativo como ser social, suficiente também para diminuir, se não para ofuscar de todo, a valia dos meus supostos talentos. Eu tinha duas explicações para esta omissão crítica do José Maria a meu respeito. (FERNANDES, 2002, p. 105).

E, ainda, mostra o seu estranhamento diante da criação das personagens de Eça:

> Por isso o José Maria, na sua arte, fez-se obsessivamente rodear de parasitas sociais, como principais protagonistas das suas obras, o que tem suscitado a surpresa, quando não a ira, de alguns críticos pouco lúcidos, com o fundamento de que o povo português não é apenas constituído por parasitas. O que os críticos não entendem é que a lupa do José Maria foi assestada pela deplorável situação de um país impossibilitado, por ela, de progredir! (FERNANDES, 2002, p. 105).

Neste trecho, evidencia-se o dialogismo de Bakhtin, que consiste nas várias vozes sociais que estão representadas no interior dos textos. Aqui fica expressa a voz do autor, dada à personagem do livro, ao estabelecer uma crítica àqueles que se posicionam desfavoravelmente aos tipos de personagens criados por Eça de Queiroz.

A mistura de pessoas de existência real aliada àquelas de existência fictícia marca a semelhança dos textos e os aproximam em um paralelismo constante:

> O José Maria, na minha biografia sumaríssima que já referi, limita-se a dizer, a respeito das funções assinadas por minha avó ao seu capelão, que <o capelão de D. Angelina, antigo frade beneditino, ensinou-lhe (ao menino Carlos Fradique Mendes, entenda-se), o latim, a doutrina, o horror à Maçonaria, e outros princípios sólidos>. A verdade, porém, é que foram muitas mais – e o José Maria sabia-o bem – as matérias que o antigo frade beneditino (o padre Antunes) me ensinou. (FERNANDES, 2002, p. 33).

Como no primeiro Fradique, este também é leitor de vários livros e sua cultura é incomensurável. A retomada que é feita a seguir sobre a obra *A Correspondência de Fradique Mendes* se efetiva com o intuito de contestar algumas inscrições feitas por Eça, pois, segundo Fradique, este exagera quando trata de afirmar algo sobre a personagem avó Angelina:

> Cumpre-me, no entanto, observar que o José Maria, embora verídico na sua afirmação de que a avó Angelina, perpetuamente sofria dos dardos d'Amor> exagera quando relata que ela, <apesar dos sessenta anos que lhe revestiam a face dum pelo mais denso que a hera duma ruína, decidira afastar o neto para casar com o boleeiro>. Ora, eu tenho razões para asseverar que, neste trecho, o José Maria foi inverídico e injusto para com a avó Angelina. (FERNANDES, 2002, p. 42).

Nota-se então, desde o princípio da narrativa, certo tom contestador e um anseio por justificar o que ocorreu no passado. Justificativa esta que caracteriza o percurso narrativo do livro. As informações vão se coadunando para chegar *A Correspondência de Fradique Mendes* de forma fidedigna, só que no modo inverso: do presente para o passado. Como justificar tal fenômeno? A busca pela elucidação dos fatos só move quem se inquieta com eles.

Na leitura da primeira parte d'*A Correspondência de Fradique Mendes*, não é possível conhecer o narrador. Embora seja em primeira pessoa, no decurso narrativo não há informações sobre ele. Todavia, na *Autobiografia,* a personagem central declara ser o próprio Eça quem narra o texto:

> A explicação deste facto encontra-se nas palavras do José Maria das notas biográficas que acompanharam a publicação da minha correspondência. [...]. Ouçamos o relato do José Maria sobre o modo como se estabeleceu a sua intimidade comigo. (FERNANDES, 2002, p. 61).

E, como este, há mais dois trechos nos quais é atribuída a Eça de Queiroz a voz do narrador nas "Memórias e Notas", que José Pedro Fernandes, pela voz de Fradique Mendes, chama de extraordinárias.

Isto posto, percebe-se, neste fragmento, a intenção do autor em cumprir um dos objetivos iniciais de seu texto, que era o de esclarecer todas as especulações existentes d'*A Correspondência de Fradique Mendes* e libertá-lo dos preceitos decorrentes.

O apuro do gosto e a formação de Fradique também estão expressos neste texto, que busca incessantemente intertextos com a obra primeira. No entanto, as novas referências às cartas se fazem de forma contestadora:

> O José Maria, que não resistia aos ímpetos subconscientes que o levam a reduzir todos os fatos da vida – mesmo os mais trágicos – às fórmulas literárias de uma ironia mortífera (ainda que fascinante para quem por ela não é ferido), diz, na pequena biografia de que tenho falado, que Fradique foi para Paris <estudar Direito nas cervejarias que cercam a Sorbonne, a espera da maioridade, que lhe devia trazer a herança acumulada do pai e

> da avó, calculada por Vidigal num farto milhão de cruzados> . Quem ler esta passagem conclui que eu fui para o Quartier Latin, não para estudar mas para beber cerveja, o que é uma *boutade* de mau gosto... (FERNANDES, 2002, p. 53).

A certa altura da obra, assistimos à leitura da criação pela própria criatura, acrescida de comentários, ora rudes, ora favoráveis, mesclados com urbanidades referentes a Eça de Queiroz:

> Na verdade, o Fradique Mendes que José Maria pretendeu retratar não era – não parecia ser – alguém da vida real, porquanto, examinado sob a óptica comum às mais altas camadas sociais da época, Fradique era o homem perfeito pra não dizer o homem ideal! Quem poderia admitir que esse homem ideal existisse, ainda que quem o tivesse retratado fosse o maior escritor da chamada escola realista? (FERNANDES, 2002, p. 59).

Embora o narrador e autor estejam imbricados e sejam ao mesmo tempo uma só pessoa, como requer Bakhtin (1988), este gerencia as falas, as palavras dos outros, enquanto aquele sendo uma ficção, é apenas uma personagem a mais. Vale ressaltar que, durante a leitura do texto, é expressivo o número de vezes que aparece o termo "gênio" utilizado pelo narrador (Fradique) demonstrando o eco do autor (José Venâncio) ao se referir a Eça de Queiroz.

Na medida em que os textos se relacionam, é evidente a presença intertextual dos destinatários das cartas de Fradique Mendes. O que chama a atenção é que embora ocorra a referência a estas personagens, ela é acrescida de materialização. Se, n' *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), os destinatários são citados, no hipotexto, o autor além de citá-los e de referenciá-los, mostra um toque a mais e sempre nos são apresentadas justificativas ou características que foram acrescidas com o intuito do enriquecimento destas personalidades.

No decorrer da narrativa, os diferentes graus de retomada das cartas se estabelecem, quer em forma de alusão, quer em forma de intertextualidade explícita. Algumas vezes busca-se a justificação, outras a desmitificação, humanizando uma personagem que foi caracterizada como perfeita:

> Embora os dias fossem passando, preenchidos de ocupações em número e qualidade suficientes para afastar o tédio que costuma atacar quem não tem o dia carregado de obrigações invitáveis – e eu não tinha outras obrigações senão as que a minha vontade me assinara – sentia um inexplicável (e quase insuportável) vácuo na minha vida. Eu reconhecia a incoerência deste sentimento em relação aos dogmas em que a minha filosofia assentava e de que resultaram os <princípios> a que já fiz referência. Pois se eu concluíra que a vida não tinha qualquer finalidade (ou que, se

> tinha, ninguém podia saber qual era) tornava-se absurdo o sentimento de <um> vácuo no espaço da vida que era, toda ela, um vácuo. (FERNANDES, 2002, p. 70).

Se, n'*A Correspondência* (1900), é apresentada a nós uma personagem inefável e como um deus, na *Autobiografia de Carlos Fradique Mendes*, surge uma personagem que se diferencia pelo tom humanitário e pelas inquietações próprias daqueles a quem não são relegadas características de perfeição. Em Eça, encontramos, entre tantas, as seguintes referências a Fradique:

> [...] e esse folhetim amarrotado da <Revolução de Setembro> tomava assim a importância de uma revelação de arte, uma aurora de poesia, nascendo para banhar as almas moças na luz e no calor especial a que elas aspiravam, meio adormecidas, quase regeladas sob o álgido luar do romantismo. Graças te sejam dadas meu Fradique bendito! (QUEIROZ, 1900, p. 13).
>
> Carlos Fradique Mendes pertencia a uma velha e rica família de Açores; e descendia por varonia do navegador D. Lopo Mendes [...]. (QUEIROZ, 1900, p. 15).
>
> Com o ímpeto de ave solta, viajara logo por todo o mundo, a todos os sopros do vento, desde Chicago até Jerusalém, desde a Islândia até ao Sara. Nestas jornadas, sempre empreendidas por uma solicitação da inteligência ou por ânsia de emoções, achara-se envolvido em feitos históricos e tratara altas personalidades do século. (QUEIROZ, 1900, p. 17).
>
> Trazia uma quinzena solta, de uma fazenda preta e macia, igual à das calças que caíam sem um vinco: o colete de linho branco fechava por botões de coral pálido: e o laço da gravata de cetim negro, dando relevo à altura espelhada dos colarinhos quebrados, oferecia a perfeição concisa que já me encantara no seu verso. (QUEIROZ, 1900, p. 24).

Estas, entre tantas, são as descrições de Fradique Mendes, que, embora seja retomado na contemporaneidade, ou até mesmo "ressuscitado", encontra a mesma forma, porém mais desvelado, como que em tom de contestação à versão primeira, como podemos ver a seguir:

> Perante aquele sacerdote amigo, no perturbante enleio da brisa morna dessa noite marroquina ali soprada por Allah e ainda tocado pela recente presença no meu espírito de Marx e de um Garrett difíceis de contornar, senti-me titubear. <Queres saber qual a minha profissão? Eu sou exatamente um parasita da sociedade! Aí tens!>, rematei de supetão. (FERNANDES, 2002, p. 105).

E ainda:

> É curioso que o José Maria, com a sua perspicácia crítica, nunca tenha posto suficientemente em relevo esse meu lado negativo como ser social, suficiente também para diminuir, se não para ofuscar de todo, a valia dos meus supostos talentos. (FERNANDES, 2002, p. 105).

A inserção da personagem Carlos Fradique Mendes na *Autobiografia* acontece juntamente com a inserção de seu criador: Eça de Queiroz. Ele também é citado na obra como personagem, assemelhando-se ao texto primeiro, quando são acrescentadas pessoas reais como personagens. Esse mesmo procedimento ressurge em José Pedro Fernandes, e muitas vezes esta retomada acontece enaltecendo a obra primeira, bem como o seu autor, haja vista a presença dos termos "genial" e "gênio" tão frequentes no decorrer da leitura ao se referir a Eça. Do mesmo modo, também surgem retomadas como correção de imprecisões ocorridas pelo autor d'*A Correspondência de Fradique Mendes.*

> Apesar da amizade e admiração por este inesquecível amigo, não vou coibir-me, por amor à verdade, de apontar algumas inexactidões e deficiências que o livro apresenta, sobretudo quando se refere ao nosso primeiro encontro no Hotel Central, para que as coisas fiquem esclarecidas de uma vez para sempre. (FERNANDES, 2002, p. 98).

O livro todo é pautado n'*A Correspondência de Fradique Mendes* aproximando-se inclusive do estilo de Eça. Embora contemporâneo, o estilo descritivo permeia toda a obra e somente em alguns momentos há a presença de uma linguagem mais leve e mais solta, como requer a pós-modernidade. Ademais, pode ser visto também um Fradique Mendes mais descontraído do que o seu modelo:

> É que nas minhas cartas para ele, eu costumava brincar com as fórmulas literárias de que ele mais gostava (<Céus louvados!>, <Ai de mim>, <De sorte que> <De todo o ponto considerável>, <Em todo o caso>, <Fiquei docemente alvoroçado>, <Habent sua fata libelli, Sub tegmine, fagi> etc., etc.) e ele achou que essas cartas, por serem demasiado galhofeiras, não eram representativas da minha suposta bela forma epistolar. (FERNANDES, 2002, p. 125).

E não raro surgem citações referentes à indumentária. Tais citações mostram o que Genette (2006) classificou de hipertextualidade, que é toda a relação que une um texto B, chamado de hipertexto, a um texto anterior, chamado de hipotexto. Deste modo o hipertexto, no caso a *Autobiografia* é um texto

considerado por Genette, de segunda mão. Ao se referir a esta modalidade de intertextualidade, o autor a classifica como transformação, pois nesse caso há a evocação do texto primeiro – hipotexto – sem necessariamente falar dele.

Aqui cabe ressaltar que *A Correspondência de Fradique Mendes* também é retomada para reafirmação de uma vestimenta utilizada pela personagem principal. Nela, encontramos por diversas vezes traços das vestimentas usadas por Fradique "Fradique Mendes voltara de dentro, vestido com uma cabaia chinesa! Cabaia de mandarim, de seda verde, bordada a flores de amendoeira – que me maravilhou e me intimidou" (QUEIROZ, 1900, p. 27).

Na *Autobiografia de Carlos Fradique Mendes*, encontramos o intertexto:

> Como o último número destinado a *éblouir* definitivamente o jovem poeta, interrompi a conversa que decorria na sala da minha suíte, para ir ao quarto vestir a cabaia chinesa de seda verde, bordada a flores de amendoeira que voltei à sala sem perder de vista o brilho de espanto irradiado pelos olhos do meu visitante! (FERNANDES, 2002, p. 101).

O autor da A*utobiografia* busca, nos pontos principais e também nos pormenores mais frequentes do texto, os elementos para a aproximação de uma obra na outra. Assim, estabelece-se um constante diálogo com o texto *A Correspondência de Fradique Mendes* e, a partir destas menções, é possível perceber algumas transformações evidentes, acréscimos que servem para enriquecer os detalhes de alguns fatos ocorridos no passado. N'*A Correspondência*, normalmente as cartas são respostas de Fradique aos seus destinatários. Na *Autobiografia*, há em alguns momentos a justificativa daquela resposta, ou até mesmo a contextualização dela.

> Era a minha resposta à ingênua pretensão de Junqueiro de que a religião se confiasse estritamente aos seus elementos espirituais – a Moral apoiada numa Fé – e não em manifestações espetaculares e algo pueris como as da liturgia que distraem a atenção daqueles. (FERNANDES, 2002, p. 116).

A personagem ecoa por entre o projeto ideológico do autor, quando é desmitificada e a credibilidade dos escritores posta em cheque:

> O Ramalho Ortigão exagerou muito as minhas façanhas no entusiástico depoimento que consta n'*A Correspondência de Fradique Mendes*, ao dizer de mim: <Marcha cinco léguas sem parar, bate ao remo os melhores remadores de Oxford, mete-se sozinho no deserto a caçar o tigre, arremete com um chicote na mão contra um troço de lanças abissínios...>. Quem pode, louvados Céus, acreditar nos escritores? A verdade é que nunca tentei

> marchar mais do que três léguas sem parar, nunca bati ao remo senão um sexagenário que foi célebre remador de Oxford, matei apenas dois tigres, mas sempre acompanhado, e, quando arremeti contra os abexins com um chicote, levava na outra mão uma pistola. (FERNANDES, 2002, p. 123).

Ao finalizar a sua obra, Fernandes (2002, p. 169) retoma o objetivo primeiro e escreve um "*Post scriptum*" para ratificar aquilo que havia enunciado desde o princípio: "Terminei, pois, a tarefa que me impus: escrever uma auto-biografia na tentativa de, como expliquei, me libertar do peso incómodo da minha imortalidade literária". E ainda afirma que modificou o estilo do texto, dando a ele um tom "monocórdico", tom esse que se caracteriza pela produção de som duas oitavas acima do original. Sobre esta informação leiamos que realmente este texto foi escrito alguns tons acima da oitava original, quando ressuscita uma personagem morta, literalmente, na obra primeira, ou como requer Genette (2006) no hipotexto. O que chama a atenção é que no hipertexto, ou seja na *Autobiografia*, seu autor o apresenta cheio de vida e de vontade de reestabelecer alguns conceitos, rever algumas frases ditas a seu respeito e principalmente, eliminar a polarização existente em torno da figura de Carlos Fradique Mendes. E como confessa a própria personagem, se o faz é com este objetivo, aniquilar, por certo, toda a reputação literária, que tempos atrás tanto o agradava.

A vantagem de se produzir algo novo é que, o olhar volta-se para o passado, porém com construção atual, o que enriquece a literatura e dá a ela uma visão de conjunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto epistolar oferece ao leitor um panorama da intimidade de seu produtor. Tal intimidade é revelada em doses homeopáticas e aos poucos, com certa sensibilidade, é possível perceber até o plano de trabalho do escritor. Isto ocorreu com as Correspondências de Eça de Queiroz e também aconteceu com *A Correspondência de Fradique Mendes*. As epístolas mostram inclusive que, antigamente, as relações, mesmo entre amigos próximos, estabeleciam-se através de convenções e de linguagem formal.

Ao refletir sobre as teorias sobre intertextualidade e sobre literatura comparada, fica patente que a revisitação de uma obra ocorre quando ela possui elementos que justifiquem essa revisitação. E isso acontece com as obras de Eça de Queiroz. Na análise não basta apenas identificar os hipertextos ou ainda as referências nas obras, é necessário relativizar o que está exposto nele, e suas informações. Em alguns casos, o texto atual se estabelece com mais força, submete o texto anterior e atua com mais evidência e forma. Na realização da análise intertextual de uma obra, não há que se prender apenas aos elementos explícitos distintos, mas sim, buscar retirar deles os fatores essenciais para realizar uma

leitura que busque apresentar os intertextos presentes, e principalmente o porquê deles estarem lá.

Na análise exposta neste artigo, foi possível conhecer um pouco da obra *Autobiografia de Carlos Fradique Mendes*, de José Pedro Fernandes, e também em quais momentos ele buscou a referência à obra *A Correspondência de Fradique Mendes*, com o intuito de revisitá-la e de transformá-la. Apropriar-se de um modelo primeiro e de fazer uso dele alimenta e ajuda a configurar a literatura que subsiste ao longo dos anos. Busco aqui a metáfora de Ronald de Carvalho, de 1984, ao tratar da literatura:

> As literaturas são como seixos no fundo quieto dos rios: precisam de muitas e diferentes águas para se tornarem polidas. E, se por um lado podem ficar menores; perdem por outro, certas arestas duras e agressivas, infinitamente mais nocivas à sua perfeição. (CARVALHO, 1984, p. 51).

E é pensando nesta metáfora que se pode verificar que a reescritura da palavra do outro é uma das maneiras de se avançar neste universo aquífero que é o da produção de textos literários.

Notas

[1] Genette escreveu *Palimpsestes:* La littérature au second degré, em 1982, porém a versão utilizada como fonte de pesquisa neste artigo é a 2. ed. monolíngue de 2006, cuja tradução foi feita por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho; na faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Referências

BAKHTIN, M.M. **Questões de literatura e de Estética**: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 1988.

CARVALHO, Ronald de. **Pequena história da literatura brasileira**. 13. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

FERNANDES, José Pedro. **Autobiografia de Carlos Fradique Mendes**. Lisboa: Editorial Notícias, 2002.

GENETTE, G. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. 2. ed. monolíngue. Tradução de Lucilene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Minas Gerais: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

JENNY, L. et al. **Intertextualidades**. Poétique: revista de teoria e análise literárias. Tradução de Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Almeidina, 1979.

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

QUEIROZ. Eça de. **A Correspondência de Fradique Mendes**. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1900? (Obras Completas de Eça de Queiroz).

Para citar este artigo

BRESSAN, Inês Cardin. Carlos Fradique Mendes: presença na contemporaneidade. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 2, p. 100-112, mai.-ago. 2014.

A autora

Inês Cardin Bressan é graduada em Letras Anglo Portuguesas pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Cornélio Procópio Pr (1994), Especialista em Metodologia e Didática na Educação. Mestre em Literatura (Literatura e Vida Social) na UNESP – Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, Dissertação defendida em 21 de junho de 2007. Professora Doutora pela UNESP de Assis, com a tese na área de Literatura e Vida Social, cujo objeto principal é a Correspondência de Fradique Mendes. Atualmente, é docente da Faculdade Cristo Rei de Cornélio Procópio e professor titular – Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Metodologia da Pesquisa científica.